

RESENHA

SILVA, Leila Rodrigues da; RAINHA, Rodrigo dos Santos; SILVA, Paulo Duarte (Org.). **Organização do episcopado ocidental (séculos IV-VIII): discursos, estratégias e normatização.** PEM, 2011. 122p.

*Edmar Checon de Freitas**

Os estudos medievais têm se desenvolvido bastante no Brasil nas últimas décadas. Em boa parte dos programas de pós-graduação disponíveis em nossas universidades, é possível encontrar especialistas em história ou literatura medievais, o que permite a ampliação das possibilidades de formação e aperfeiçoamento de novos profissionais dedicados ao trabalho nesse campo do conhecimento. A consolidação do mesmo pode ser constatada observando-se o crescimento da produção de livros, teses de doutoramento, dissertações de mestrado e artigos científicos a ele relacionados. Tal produção somente tem sido possível graças à ação de laboratórios e grupos de trabalho dedicados aos estudos medievais que atualmente funcionam no âmbito das principais universidades brasileiras. Esse é o caso do PEM - Programa de Estudos Medievais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, laboratório que há cerca de duas décadas tem contribuído para a formação de novos medievalistas nos cursos de graduação e pós-graduação em História dessa universidade.

Um bom exemplo disso é o livro *Organização do episcopado ocidental (séculos IV-VIII): discursos, estratégias e normatização*, organizado por Leila Rodrigues da Silva, Rodrigo dos Santos Rainha e Paulo Duarte Silva, todos pesquisadores do PEM. A obra em questão reúne trabalhos de alunos dos cursos de Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, todos eles relacionados a projetos desenvolvidos no âmbito do PEM. As temáticas abordadas, a documentação trabalhada e os recortes teórico-metodológicos adotados refletem as preocupações centrais desse grupo de pesquisa, servindo como uma significativa amostra do conjunto das investigações em curso.

Nas cento e vinte e duas páginas que compõem o livro distribuem-se oito artigos, os quais têm como foco principal o episcopado ibérico entre os séculos IV e

* Doutor em História Medieval; *Scriptorium*/UFF.

VIII. O subtítulo da obra — discursos, estratégias e normatização — traduz bem a perspectiva mediante a qual se produz a articulação dos textos, que se orienta pela discussão das múltiplas dimensões mediante as quais se deu a inserção do poder episcopal na sociedade ibérica no período abordado. Desse modo, a variedade temática associa-se menos à tentativa de produzir uma visão panorâmica do que à integração das várias faces do fenômeno estudado. Uma apresentação sucinta de cada artigo permitirá uma compreensão mais clara desse ponto.

O primeiro texto da coletânea, de autoria de Jacqueline de Calazans, intitula-se “Perspectivas sobre o priscilianismo: uma proposta de abordagem” (p.13-28). A ideia central do mesmo consiste na apreciação do fenômeno priscilianista sob a ótica da sociologia de Pierre Bourdieu, especialmente mediante a aplicação do conceito de campo. Trata-se de um exercício de interpretação que toma como objeto de análise as atas do I e do II Concílios de Braga, realizados, respectivamente, em 561 e 572. A autora afasta-se da mera descrição do movimento priscilianista, optando antes por aplicar o universo conceitual acima referido como uma gramática que lhe permite atribuir um sentido preciso às disposições conciliares e à ação de seu principal idealizador, o bispo Martinho de Braga (†580). A contraposição entre heresia e ortodoxia é apresentada em termos de um conflito no interior do campo religioso. Assim é o aspecto discursivo das normas conciliares que interessa à autora, o esforço da Igreja em garantir sua eficácia simbólica, especialmente mediante a ação do bispo Martinho, seu porta-voz autorizado (p.26).

O conflito entre a heresia priscilianista e a ortodoxia eclesiástica está presente também no segundo artigo da coletânea, “Calendário e poder episcopal: Quaresma e Páscoa nos escritos priscilianistas e nos sermões de Cesário de Arles”, de Paulo Duarte Silva (p.29-40). Temos aqui também a teoria de Pierre Bordieu conduzindo a reflexão do autor. O texto, como explicita seu título, estabelece uma comparação entre duas unidades documentais: um conjunto de sermões produzido em princípios do século VI pelo bispo Cesário de Arles (502-543) e uma série de tratados compostos entre os séculos IV e VI na Galiza por autores identificados com a corrente priscilianista. A comparação toma um foco preciso, orientando-se na avaliação das distintas abordagens do calendário litúrgico em termos do estabelecimento dos ciclos quaresmal e pascal por ambas as correntes. Na avaliação do autor, o tratamento da questão calendarial remete

às distintas visões de tais tendências acerca do ascetismo, das relações entre carne e espírito e da redenção. A proposição central consiste em perceber nessa contraposição o conflito inerente à produção do *habitus* cristão, processo esse em que se manifestam concepções alternativas quanto à autoridade episcopal — e, por conseguinte, quanto à gestão dos bens simbólicos associados à salvação.

Rodrigo dos Santos Rainha, no artigo “Uma abordagem weberiana do III Concílio de Toledo (589)” (p.41-55), também propõe uma abordagem sociológica das ações episcopais no reino visigodo do século VI. Nesse caso trata-se da aplicação da sociologia da religião, de Max Weber, ao estudo das atas do III Concílio de Toledo, evento marcante na história política e religiosa do reino visigodo. Tal concílio, celebrado após a conversão do rei Recaredo (586-601) ao cristianismo católico, formalizou esse credo como aquele oficialmente professado no reino visigodo. Para Rodrigo Rainha, temos aqui a conquista da hegemonia no campo religioso por essa corrente, fato que exigiria ainda a construção de sólidos mecanismos legitimadores da Igreja e da realeza católicas. Nas atas conciliares, examinadas sob o viés da sociologia da religião weberiana, o autor busca identificar a interação entre a religião e o mundo social nas esferas política, econômica, estética, erótica e intelectual (p.47). A nosso ver resulta daí a compreensão da dimensão integradora da religião no contexto estudado, o que faz do fenômeno religioso um espaço privilegiado para a manifestação, como testemunho histórico, de aspectos os mais diversos da realidade social.

O esforço legitimador da monarquia por parte da Igreja no reino visigodo também é explorada nos trabalhos de Rita de Cássia Damil Diniz (“Perspectiva histórica e hegemonia política: os visigodos na abordagem de Isidoro de Sevilha”, p.57-69) e Adriana Conceição de Sousa (“Rei e monarquia na *Historia Wambae*, de Julian de Toledo”, p.111-122). Em ambos a documentação trabalhada é de natureza historiográfica. No primeiro caso trata-se da idealização do passado godo pelo bispo Isidoro de Sevilha (†636), nas suas *Histórias dos godos, vândalos e suevos*. Na apreciação de Rita Diniz, o bispo sevilhano procura apresentar o povo godo como portador, simultaneamente, das heranças romana, germânica e cristã. Desse modo a narrativa historiográfica produz uma exaltação do presente mediante uma idealização do passado.

A dimensão discursiva e legitimadora da narrativa historiográfica é o que sobressai também na análise de Adriana Conceição de Sousa acerca da obra de Julian de Toledo (†690). A seu ver esse bispo constrói ao longo de sua narrativa uma figura idealizada de rei na pessoa de Wamba (672-680). A autora concentra a análise no episódio da revolta do conde Paulo, ocasião em que Wamba teria exibido, segundo o bispo de Toledo, qualidades essenciais num monarca cristão, como a justiça e a clemência. Desse modo operava-se mais uma vez uma ação episcopal legitimadora de monarquia toledana, mediante o recurso à idealização do passado.

As narrativas hagiográficas constituem também importante fonte para o estudo do episcopado ocidental na Idade Média. Na coletânea aqui examinada esse tipo de documento é trabalhado no artigo de Rodrigo Ballesteiro Pereira Tomaz, intitulado “Homem santo, um novo herói? A figura heroica clássica no discurso cristão na *Hispania* visigoda do século VIII” (p.71-81). Trata-se de um exame de dois textos hagiográficos: a *Vita Sancti Aemiliani*, escrita por volta de 640 pelo bispo Bráulio de Saragoça (†c.651) e a *Vita Sancti Frutuosi*, texto anônimo de finais do século VII. Rodrigo Tomaz propõe a comparação entre esses textos, com o intuito de identificar os modelos sobre os quais foram construídas as imagens desses santos. A seu ver na produção de tais obras os hagiógrafos incorporaram elementos tomados da tradição cultural greco-romana, em especial a figura do herói. A fixação textual das trajetórias do monge Emiliano e do bispo Frutuoso englobariam, desse modo, uma adaptação cristã do modelo heroico, uma dentre as várias estratégias associadas ao processo de afirmação do cristianismo no Ocidente.

Outro conjunto documental bastante explorado nessa coletânea é constituído pelas regras monásticas produzidas no mundo ibérico nos séculos VI-VII. Bruno Uchoa Borgongino concentra-se no estudo da *Regula Isidori* (“O descanso dos monges na *Regula isidori*”, p.83-95), ao passo que Alex da Silveira de Oliveira estabelece uma comparação entre as regras monásticas de São Frutuoso de Braga (†665) e o material conciliar associado à igreja de Toledo (“Sexualidade no reino visigodo do século VII: um estudo comparado de documentos medievais”, p.97-110). No primeiro caso são examinadas as prescrições relativas ao descanso dos monges, nas quais é estabelecida uma forte conexão entre a vigilância de si e a vivência dos ideais monásticos. No segundo, são discutidas as disposições das regras e do material conciliar concernentes à

vivência da sexualidade entre os cristãos, com destaque para a temática do casamento e seus problemas para o clero. Portanto ambos os trabalhos projetam alguma luz sobre a questão do controle do corpo e das manifestações da sexualidade em meio ao complexo processo de afirmação da religião cristã no Ocidente medieval.

Em linhas gerais há que se destacar a unidade que marca o conjunto dessa coletânea, a qual se define não somente por uma similaridade de recortes temporais e espaciais, mas também — e principalmente — pelo esforço na demarcação de um campo teórico capaz de respaldar solidamente a investigação empírica. Nesse caso aparece com destaque a abordagem sociológica de Pierre Bourdieu. O mesmo se aplica ao tratamento metodológico da documentação, centradas no emprego em diferentes níveis do método comparativo e da investigação dos elementos modelares subjacentes ao objeto estudado.

O cuidado teórico-metodológico permite que se supere nessa coletânea a dicotomia redutora entre investigação empírica e análise teórica. Os textos apresentados não se restringem à descrição do conteúdo de suas fontes documentais, tampouco se limitam a uma discussão teórica esvaziada daquilo que constitui a especificidade do trabalho do historiador: a decifração, a reconstituição e o encantamento com o passado que conseguimos acessar por meio dos testemunhos documentais. Ao contrário, dentro dos limites impostos pela própria dimensão da obra, a pesquisa empírica é conduzida dentro de um enquadramento conceitual preciso e explícito.

Certamente os textos são desiguais em profundidade e há mesmo lacunas em algumas construções. Mas há que se levar em conta os estágios diferentes de pesquisa refletidos nos textos, bem como o próprio amadurecimento dos pesquisadores, em diferentes níveis de formação e experiência. Somado à curta extensão dos textos isso explica ainda uma certa timidez que pode ser detectada em algumas proposições. Mas talvez aí resida o principal mérito de obras dessa natureza, que contribuem para a formação de pesquisadores não somente pela possibilidade que se lhes dá para expor, mas principalmente pela oportunidade que têm de se expor.